



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5802 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização e Letramento

DENOMINAÇÕES DOS TIPOS DE LETRAS LOCALIZADAS EM CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO E DOCUMENTOS COMPLEMENTARES
Alessandra Amaral da Silveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

DENOMINAÇÕES DOS TIPOS DE LETRAS LOCALIZADAS EM CADERNOS DE ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO E DOCUMENTOS COMPLEMENTARES

Este trabalho faz parte de uma tese de doutorado concluída no ano de 2019, cujo objetivo principal foi realizar um mapeamento dos tipos de letras usados nas classes de alfabetização de escolas gaúchas ao longo de 78 anos (1937 a 2015), periodização possível considerando a documentação (cadernos de alunos) disponível em um centro de memória público do Estado do Rio Grande do Sul. Logo, a tese defendida revelou que o ensino das letras se articula aos diferentes embates e debates de ordem social, pedagógica e política, ou seja, as definições que se estabelecem na cultura gráfica escolar estão imbricadas às relações de hierarquia e de poder que circulam em distintos espaços. Contudo, especificamente para este trabalho teve-se o objetivo de apresentar a investigação realizada acerca das denominações dos diferentes tipos de letras que foram registradas nos cadernos de alunos em fase de alfabetização. Para tanto, foram consultados como documentos principais 489 cadernos de alunos, sendo que desses 379 são exclusivos da 1ª série/1º ano de escolarização (1937 a 2015) e 110 totalizam os do 2º ano e 3º ano, correspondente ao ciclo de alfabetização (2008 a 2015), todos utilizados em escolas públicas e privadas do estado do Rio Grande do Sul. Após a identificação das denominações dos diferentes tipos de letras nos cadernos escolares, sentiu-se a necessidade de se consultar outros documentos que permitissem compreender as mudanças e permanências dos tipos de letras a serem ensinadas às crianças que ingressavam no processo de escolarização. Logo, foram utilizados como documentos complementares da pesquisa nove Manuais Pedagógicos: 1) *Lições de Pedagogia*, autor Antônio Figueirinhas (1927), 2) *Pedagogia*, autores Alfredo M. Aguayo e Hortensia M. Amores (1950, 6ª edição), 3) *Noções de práticas de ensino*, autor Theobaldo Miranda Santos (1953, 3ª edição); 4) *Práticas escolares (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário)*, autor Antônio D'Ávila (1954, 4ª edição), 5) *Práticas escolares (De acordo com o programa de práticas de ensino do curso normal e com orientação do ensino primário)* autor Antônio D'Ávila (1955, 7ª edição), 6) *Prática do ensino primário*, autores Brisolva de Brito Queirós; Hayde Gallo Coelho; Circe de Carvalho Pio Borges; Irene de Albuguerque; Josefina de Castro e Silva Gaudenzi (1957, 5ª edição), 7) *Metodologia do ensino primário* autor Theobaldo Miranda Santos (1957, 6ª edição), 8) *A escola viva Metodologia do ensino primário* autor Afro de Amaral Fontoura (1963, 9ª edição) e 9) *Pedagogia científica: Psicologia e direção da aprendizagem* autor Alfredo M. Aguayo (1964, 10ª edição). Além dos Manuais, foram consultadas e utilizadas alguns exemplares da

Revista do Ensino, mais especificamente os de 1953 – Março, Reportagem: *Sugestões para o período preparatório no 1º ano primário – Exercícios preparatórios para escrita* (orientação para a leitura do livro de Ormindia Marques). Setembro, Reportagem: *Como ensinei a ler uma classe “forte” selecionada pelos testes ABC* – Na escrita, o uso da caligrafia muscular (Ormindia Marques). 1955 – Junho, Reportagem: *Exercícios indicados de acordo com as falhas verificadas nos testes ABC* (tipos de letras e as orientações da escrita). 1956 – Outubro, Reportagem: *Como classificar rapidamente as crianças de 1ª série* (classificação realizada pela escrita). 1958 - Outubro, Reportagem: *Método e processo de ensino da leitura e da escrita* (recomendação do tipo de letra tipográfica ao invés da cursiva). 1959 – Agosto, Reportagem: *A escrita tipo “Script” nos primeiros anos da escola primária* (apresenta as orientações para o uso da letra citada). Setembro, Reportagem: *A escrita no primeiro ano de escolaridade* (expõe as vantagens de ser trabalhar desde os primeiros dias de aula com a letra do tipo script). 1960 – Agosto, Reportagem: *A escrita tipo “Script” nas classes de alfabetização de adultos e adolescentes*. 1961 – Agosto, Reportagem: *Orientações da escrita e da leitura no 2º ano primário* (tratada dos problemas relacionados à letra cursiva e aponta como solução manter o tipo script). Além dessas edições da Revista do Ensino também buscou-se documentos oriundos das políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização, tais como os referentes ao final dos anos de 1990 até meados dos anos de 2010. No entanto, somente os seguintes documentos: Pró-Letramento – Mobilização pela Qualidade da Educação (2005, 2008); Ensino Fundamental de 9 anos (2006, 2009); Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (2012) fizeram referência a denominação das letras que deveriam ser utilizadas no período inicial de escolarização. Ressalta-se que essa pesquisa ampara-se teórica e metodologicamente no campo da História da Alfabetização (MORTATTI, 2000; PERES, 2012), caracterizando-se como uma Operação Historiográfica (CERTEAU, 1982) Desse modo é importante frisar que, a partir de 1980, acompanhando uma discussão e tendência mundial, há um “alargamento” dos documentos de pesquisa que se refletiu na historiografia educacional (LOPES; GALVÃO, 2001). O que fez com que se passasse a considerar e a incluir no campo da pesquisa científica uma diversidade de fontes que não eram apenas tidas como oficiais. Com isso, “historiadores da educação, [...] preocupados em examinar o vivido na sala de aula, têm se voltado para os cadernos, que passam a serem considerados importantes objetos ou fontes de pesquisa” (MIGNOT, 2008, p. 07). Nesse sentido, compreende-se o caderno de aluno como um importante espaço de registro gráfico (HÉBRARD, 2000), podendo ser um dos principais lugares da escrita à mão na escola. No que diz respeito aos resultados encontrados na pesquisa, salienta-se que as principais tipologias de letras localizadas nos cadernos dos alunos investigados foram três, a saber, **cursiva**, **imprensa maiúscula** e **imprensa minúscula**. Essas denominações foram localizadas, principalmente, nos enunciados das atividades e também nas referências dos alfabetos, muitos desses em folhinhas colados nos cadernos dos alunos ou escritos pelas professoras. No entanto, após manusear todos os 489 cadernos de alunos evidenciou-se que em se tratando do tipo de letra **cursiva** nos cadernos foi possível localizar, além dessa denominação, os seguintes sinônimos: **letra junta**, **letra pequena**, **letra de mão** e **letra colada**. Notou-se que nos manuais pedagógicos utilizados pelos professores recorrentemente foi usado a denominação de **cursiva**, porém, no manual *Prática do ensino primário* localizou-se também a expressão **letra de mão** (BRITO et al, 1957). Destaca-se sobre essa tipologia, que o manual pedagógico *A Metodologia do Ensino Primário* define a escrita cursiva como sendo “[...] as letras de uma palavra são tôdas ligadas umas às outras.” (FONTOURA, 1963, p. 119), sendo assim faz referência à principal característica da letra cursiva, ou seja, a “ligação” entre as letras. Tem-se, então, embora pareça óbvio, uma primeira definição de letra à mão. Nos manuais pedagógicos consultados ficou evidente a forte discussão que havia no século XX sobre os modelos caligráficos, sendo eles: inclinado, vertical e muscular (FARIA FILHO, 1998, p. 138). Recorrentemente ao explicar e exemplificar os modelos caligráficos o tipo de letra cursiva acabava ganhando mais ênfase, pois estava de acordo com uma das máximas da escrita do século XX, a rapidez de traçar as letras, sendo assim fica marcado que

era necessário que o sujeito escolarizados aprende-se a traçar as letras, porém o mais rápido possível. Os manuais foi um importante documento para compreender o ensino da escrita pelo fato de ser destinados a professores em formação, uma vez que eles “visavam fundar práticas profissionais em conformidade com um modelo de forma prescritiva e útil” (BASTOS, 2006, p. 01). Nos documentos complementares Revista do Ensino (1959,1969) e as políticas curriculares e programas de formação docente e alfabetização, Pró-letramento (2005 e 2008) e no PNAIC (2012) a denominação utilizada é **cursiva**. De forma geral acaba-se percebendo que a dominação oficial é a cursiva, no entanto, cabe lembrar que nos cadernos dos alunos as professoras também atribuíam a ela outros nomenclaturas como, letra junta, letra colada e letra pequena, essas que não foram localizadas nos documentos complementares. O que pode demonstrar as variações e os ajustes que são marcados no fazer pedagógico docente. Sobre o tipo de letra **imprensa minúscula**, foram localizados nos cadernos dos alunos os seguintes sinônimos: **imprensa, tipográfica e letra de máquina**. O manual *A escola viva Metodologia do ensino primário* a defini como “aquela em que as letras são separadas umas das outras, tal como acontece neste livro, e em todos os impressos, revistas ou jornais [...] data do século XVI com o surgimento da imprensa” (FONTOURA, 1963, p. 120). Diferentemente da letra cursiva, todas as denominações presentes nos cadernos do aluno como sinônimo da letra imprensa minúscula forma também utilizadas nos documentos complementares. Sendo assim, a denominação **imprensa** aparece nos manuais de Santos (1953, 1957) e de Brito et al (1957), a **tipográfica** na Revista do Ensino (outubro de 1958) e no manual pedagógico de Fontoura (1963) e a última denominação, letra de máquina, aparece na Revista do Ensino (agosto e setembro de 1959) e **imprensa minúscula** (PNAIC, 2012). A Revista do Ensino, conforme Bastos (2013, p. 01), foi um importante recurso educativo para a “[...] educadora jovem e idealista, que encontra em suas páginas a solução para resolver os árduos, porém sublimes, problemas do seu mister e orientações/sugestões sobre como desempenhar suas funções.”. Sobre essa tipologia pode-se pensar que ela acabou refletindo nos cadernos o que havia de discussão oficial sobre a denominação das letras imprensa minúscula, pois como mencionado anteriormente todas estavam presentes nos documentos oficiais. A terceira tipologia, a letra do tipo **imprensa maiúscula**, foi localizada nos cadernos dos alunos com os seguintes sinônimos: **bastão, letra grande, letra separada e maiúscula**. Nesse caso, somente as denominações **imprensa maiúscula** e **maiúscula** foram encontradas nos documentos complementares da pesquisa, mais especificamente, no Pró-letramento (2008) e nos cadernos de estudo do PNAIC (2012), o que pode ter ocorrido por se tratar de uma prática de escrita considerada mais atual e, por isso, não foi contemplada em outros documentos consultados relativos a décadas anteriores ao século XXI. Todas essas políticas públicas para alfabetização contribuíram para compreender o que se vinha propondo para as classes iniciais de escolarização. Os documentos oriundos dessas políticas colaboram fornecendo indícios sobre a possibilidade de haver ou não orientações a respeito dos tipos de letras a serem ensinadas as crianças que ingressavam na escola. Conforme Frangella (2016), alinhar a formação de professores às políticas curriculares é uma estratégia de poder que visa, entre outros, estabelecer ações de controle, de determinação e de práticas, porém elas estão imbricadas a diferentes relações de poder, por isso, para a pesquisa foi importante verificar o que havia sobre os tipos de letras nas documentações consideradas oficiais. Novamente, nota-se que com essa terceira tipologia ocorre algo parecido com o tipo de letra cursiva, ou seja, houve uma pluralização de denominação presentes apenas nos cadernos dos alunos. Assim como percebeu-se que determinadas denominações só estavam presentes no conjunto de cadernos de alunos que fizeram parte da pesquisa houve também nomenclaturas exclusivas nos documentos complementares o que reforça a ideia das disputas e embates que são estabelecidas a partir de diferentes relações de poder (social, político e pedagógico), no caso em questão os registros nos cadernos de alunos e as orientações em manuais e políticas consideradas oficiais. Em contato com cada um dos manuais pedagógicos foi possível perceber que havia uma variedade de denominações relacionada às letras. Além das que foram anunciadas paralelamente com as denominações dos cadernos, nos manuais

pedagógicas emergiram outras nomenclaturas, “escrita portuguesa”, “escrita inglesa ou americana”, “escrita garrafal”, “bastardinho” e “escrita vulgar” (FIGUEIRINHA, 1927), “escritura vertical”, “letra de inclinación” (AGUAYO, 1950, 1964), “letra de imprensa simplificado”, “manuscrito”, “de fôrma”, “letra impressa (escrita vertical)” (SANTOS, 1953, 1957), “artísticas, monográficas” (D’ÁVILA, 1954), “vertical ou inclinada” (D’ÁVILA, 1955), “imprensa, manuscrita”, “Caligrafia muscular”, “Caligrafia Vertical ou Inclinada” (BRITO et al, 1957), “manuscrita” (FONTOURA, 1963). Em síntese, pode-se dizer que os manuais pedagógicos pesquisados permitiram identificar a presença de várias definições e nomenclaturas sobre diferentes tipos de letras. Assim, a partir deles foi possível compreender as discussões que estavam em pauta em meados do século XX que incentivavam a escrita elegante, rápida e higiênica. Nesse sentido, os manuais pedagógicos, mesmo fazendo referência a diferentes tipos de letras acabavam, como foi notado no parágrafo anterior, enfatizando a letra cursiva, o que também era notado nos exemplos que ilustram as páginas dos manuais, isto é, quando havia exemplos com imagens ficava visível que o uso da letra a ser utilizada era a cursiva. Na Revista do Ensino também foi localizada a denominação *script*, essa que foi encontrada nos exemplares da Revista do Ensino (1959, 1960, 1961) do Rio Grande do Sul. Nos manuais pedagógicos consultados tal nomenclatura não aparece, mas vale destacar que nesses documentos, a segunda nomenclatura mais citada é o tipo de letra **imprensa simplificada**, citada por Santos nos manuais de 1953 e 1957. Essa mesma denominação usada por Santos esteve presente também na Revista do Ensino, os autores dos artigos sugerem que são sinônimos da letra do tipo *script*, porém quando tratam da imprensa simplificada alegam sobre a necessidade de adaptar algumas letras devido à complexidade dos traçados. Em se tratando ainda da tipologia imprensa minúscula nos documentos complementares apareceu a denominação letra de **fôrma** (SANTOS, 1953) que voltou a ser utilizada anos depois no programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita, Pró-letramento (2008), como letra de **forma minúscula**. Assim como foram encontradas denominações que só apareceram nos documentos complementares também localizou-se as que somente estavam presentes nos registros dos cadernos dos alunos. Primeiro quando tratou-se da tipologia cursiva, que nas páginas dos cadernos das crianças também era identificada através dos registros dos enunciados das atividade como letra junta e/ou letra pequena. Segundo, a relacionada a tipologia imprensa maiúscula que também era denominada letra grande, letra separa ou ainda bastão. Nesse sentido, é possível problematizar o que se estabelece no contexto escolar e em outros contextos como o social e das políticas para a educação, que de acordo com Gvirtz (1997), na maioria das vezes, acaba havendo uma discrepância entre o que é prescrito e o que é ensinado, logo, isso foi percebido neste texto relacionado as denominações das letras no ensino inicial de escolarização. O que pode também estar associada a tradição pedagógica que faz manter no contexto escolar diversos saberes e conhecimentos que os docentes já trazem das duas experiências enquanto alunos (TARDIFF, 2002), o que ajuda a compreender porque determinadas práticas se mantem no espaço escolar. Sendo assim, conforme o conjunto de documentos consultados para esta pesquisa foi possível constatar que determinadas denominações só povoam o espaço escolar. Nesse sentido, tem-se a possibilidade de “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17). Nesse sentido, os dados referentes às denominações das tipologias das letras localizadas nos cadernos dos alunos contribui para perceber que determinadas ações pedagógicas são produzidas e consolidadas na escola mesmo que em outros espaços haja um movimento diferente, como foi o caso das nomenclaturas apresentadas neste texto, muitas delas peculiares ao espaço da escola, logo, à prática cotidiana docente.

PALAVRAS-CHAVE: Cadernos de alunos. Letra cursiva. Letra imprensa minúscula. Letra imprensa maiúscula. Denominações.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. Uma biografia dos manuais de história da educação adotados no Brasil (1860-1950). In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da educação, 2006, Uberlândia. **Percursos e Desafios da pesquisa e do ensino em História da Educação**. Uberlândia: Editora da UFU, 2006.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução M. M. Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Cultura e Prática Escolares**: escrita, aluno e corporeidade. In: Caderno de Pesquisa, n.103, mar 1998.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Políticas de formação do alfabetizador e produção de políticas curriculares: pactuando os sentidos para a formação, alfabetização e currículo. *Práxis Educativa (Brasil)* 2016.

GVIRTZ, Silvina. Del curriculum prescrito al curriculum enseñado: una mirada a los cuadernos de clase. Buenos Aires: Aique, 1997.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: Mignot, A. C.V; Bastos, M.H.C., Cunha, M.T.S. (Org.). **Refúgios do eu educação, história, escritas autobiográficas**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LOPES, Eliane; GALVÃO, Ana Maria. **História e História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina. Um objeto quase invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Mignot (Org.). **Cadernos à vista**. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo/ 1876-1994. São Paulo. Editora: UNESP, 2000.

PERES, Eliane. Um estudo da história da alfabetização através dos cadernos escolares (1943-2010). In: **Cadernos de História da Educação**, v.11, n. 1 – jan./jun. 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.